

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA

JAQUELINE FIUZA RIBEIRO

**OS VIVEIROS DE MUDAS E A NECESSIDADE DE SEU CULTIVO EM TERRAS
XAKRIABÁ:
O TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO DO BARREIRO PRETO**

BELO HORIZONTE

2023

JAQUELINE FIUZA RIBEIRO

Os viveiros de mudas e a necessidade de seu cultivo em terras Xakriabá:

o trabalho da associação do Barreiro Preto

Trabalho de conclusão de Percurso Acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

Orientador: Adriano Mattos Corrêa

BELO HORIZONTE

2023

Dedico este trabalho aos familiares, meu pai Leonardo Fiuza de Sousa, mãe Jovanilde Nunes Ribeiro, minha irmã Geovania Fiuza Ribeiro, meu irmão Leonardo Junior Fiuza Ribeiro, minha sobrinha Demilly Tawary Ribeiro, aos meus avós paternos Miguel de Souza Lima e Arquelina Fiuza da silva (em Memória), aos meus avós maternos Osvaldo Fernandes Ribeiro e Maria Nunes Ribeiro (em Memória). Dedico também a todos os meus colegas de curso e todos os professores bolsistas e coordenadores do FIEI, e a todas as pessoas que me apoiaram e me incentivaram, em especial a Viviane Fiuza da Mota.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Tupã (Deus) pela oportunidade, pela força que ele me deu, aos meus familiares e amigos pelo incentivo diretamente ou indiretamente no meu trabalho por estar me dando forças. Quero agradecer em especial ao meu pai Leonardo Fiuza de Souza, minha mãe Jovanilde Nunes Ribeiro, minha irmã Geovania Fiuza Ribeiro, meu irmão Leonardo Junior Fiuza Ribeiro, minha sobrinha Demilly Tawary Ribeiro, a professora e coordenadora da turma CVN Marina Tavares, ao meu orientador Adriano Matos Correia, a Thais Braga, Lucas do morar indígena, Mateus Ferraz e aos colegas de turma da CVN e as demais turmas.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos e colegas do Fiei, bolsistas, coordenadores, e colegiado do FIEI, e toda equipe da UFMG, aos professores pela força, pelo cuidado pela preocupação e pelo carinho com os alunos principalmente nos momentos de dificuldades, ao povo XaKriabá, pelo carinho cuidado, atenção e ensinamentos, às lideranças e cacique pelo apoio.

Agradeço aos meus entrevistados; senhor Nicolau Gonsalves Alquimim, Elizanirio Fernandes, Renilson Francisco Pereira, Odair Fernandes, Manoel Antônio, por ter compartilhado seu conhecimento para me ajudar que foram peças fundamentais no meu trabalho de percurso, sem não fosse eles nada disso seria possível.

RESUMO

Neste trabalho de percurso acadêmico venho mostrar a importância dos viveiros de mudas juntamente com os brigadistas (prev fogo), a associação Aixabp, e a associação de agricultores Romizã para as aldeias indígenas XaKriabá, considerando formas sustentáveis na recuperação e preservação de nascentes e distribuição de mudas para as comunidades. Procurei mostrar a ligação dos brigadistas, a associação Aixabp e a associação Romizã com os viveiros de mudas, sobre qual o papel que cada um tem, incentivando os jovens e as demais pessoas para que futuramente possa ajudar na associação escrevendo projetos para benefício das comunidades indígenas. Além do trabalho dos brigadistas na preservação da floresta e recuperação de áreas devastadas como áreas que ocorreu queimadas tendo em referência a área dos buritizeiros da aldeia Peruaçu, também sobre a preservação das nascentes. O relacionamento entre o coletivo de agricultores e os viveiros de mudas é geralmente baseado em técnica e troca de conhecimentos, com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento da agricultura nas comunidades, fortalecendo a economia local, melhorando a qualidade das plantações e maximizando a produtividade agrícola.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Minha família	7
Figura 2: Mapa Território Indígena Xakriabá com demarcação da TIX	10

Figura 3: Território Indígena Xacriabá com a indicação das aldeias.	12
Figura 4: logo do Coletivo de Agricultores XaKriabá: ROMZÃ	19
Figura 5: Agricultores trocando experiências durante levantamento colaborativo ROMZÃ	20
Figura 6: Brigadistas na beira da nascente dos olhos d'água	21
Figura 7: Mapa com localização das sedes dos brigadistas	23
Figura 8: Mapa do Território Indígena Xakriabá com a localização dos viveiros	24
Figura 9: Território Indígena XaKriabá com a indicação dos Biomas e Árvores nativas.	25
Figura 10: Mapa localização dos viveiros de mudas no Território Indígena Xakriabá	26
Figura 11 e 12: viveiro de mudas no Barreiro Preto - sub aldeia Olhos d'água do Pimenta	27
Figura 12: viveiro de mudas no Barreiro Preto - sub aldeia Olhos d'água do Pimenta	27
Figura 13: Mapa viveiros Barreiro Preto - sub aldeia Olhos d'água do Pimenta	31
Figura 14: Mapa viveiro Pindaíbas	32
Figura 15: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água	35
Figura 16: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água	35
Figura 17: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água	36
Figura 18: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água	36
Figura 19: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água	36
Figura 20: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água	37
Figura 21: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água	37
Figura 22: mine viveiros em quintal da casa de Lurdes aldeia Caatinginha	38
Figura 23: mine viveiros em quintal da casa de Lurdes aldeia Caatinginha	38
Figura 24: mine viveiros em quintal da casa de Lurdes aldeia Caatinginha	39
Figura 25: mine viveiros em quintal da casa de Dona Zelina aldeia veredinha	39
Figura 26: mine viveiros em quintal da casa de Dona Zelina aldeia veredinha	40
Figura 27: mine viveiros em quintal da casa de Dona Zelina aldeia veredinha	40
Figura 28: fotos caminhada e quintais	41
Figura 29: fotos caminhada e quintais	42
Figura 30: fotos caminhada e quintais	42
Figura 31: fotos caminhada e quintais	42
Figura 32: fotos caminhada e quintais	43
Figura 33: Plantio de buritis no viveiro construído pelos brigadistas	44

Figura 34: Odair Fernandes Pimenta

48

Figura 35: Manoel Antônio

48

SUMÁRIO

1. HISTÓRIA DE VIDA 7
2. O TERRITÓRIO E O POVO XAKRIABÁ 9
3. A ALDEIA BARREIRO PRETO E A CRIAÇÃO DE SUA ASSOCIAÇÃO 12
 - 3.1 História da criação da associação XaKriabá barreiro preto contado em um poema por Sandra XaKriabá 15
4. A CRIAÇÃO DO COLETIVO DE AGRICULTORES: ROMZÃ 18
5. OS BRIGADISTAS E O SEU TRABALHO 21
6. MINE VIVEIROS OU MINE HORTOS 34
7. CAMINHADA DA CASA DO FORNO ATÉ O VIVEIRO DE MUDAS 40
8. PLANTAÇÃO DE BURITIS 44
 - 8.1 Queimada dos buritizeiros 45
9. CONVERSA COM ODAIR FERNANDES 46

1. HISTÓRIA DE VIDA

Figura 1: Minha família



Fonte: acervo pessoal

Sou Jaqueline Fiuza Ribeiro, nasci dia 06 de março de 2000, na cidade de manga Minas Gerais. Sou de família humilde, filha de pais lavradores, residentes da terra indígena XaKriabá localizada no município de São João das Missões.

Moro com meus pais Leonardo Fiuza de Souza e Jovanilde Nunes Ribeiro e meus 2 irmãos Geovania Fiuza Ribeiro, e Leonardo Júnior Fiuza Ribeiro, e também com minha sobrinha Demilly Tawary.

Posso afirmar que vivi uma infância feliz, regada de muito amor e a participação dos meus pais na minha formação escolar. Plena das brincadeiras tradicionais (casinha, portabandeira, queimada, brincadeiras de roda, etc).

Minha infância antes da escola aprendi muitas coisas com os meus pais apreciando os trabalhos deles, na roça e até mesmo em casa, desde de bem pequena meus pais levavam eu e minha irmã mais velha para a roça pois não tínhamos com quem ficar, eu fazia um rancho

(casa de feita de ramos) para nós não ficarmos no sol, levavam também comida, esteira para dormirmos enquanto eles trabalhavam. Algumas vezes eu os ajudava nos serviços leves como colocar milho, feijão entre outros nas covas ou até mesmo tampa-las, meus pais sempre nos incentivavam para criarmos influencia em aprender a trabalhar. Também observava minha mãe nos afazeres de casa como lavar roupas arrumar a casa, elas sempre levavam nós para a fonte (rios) para lavar roupas e louças, pois ainda não tinha agua encanada, eu sempre queria ajuda-la e algumas vezes ela me deixava ajudar ensinando como eu deveria aprender sem interferir no nosso tempo de brincar.

Meu primeiro contato com a vida estudantil iniciou aos quase 6 anos de idade. Em 2006, fui matriculada no PPA (Plano Plurianual) na Escola Estadual Indígena wikipu kuhinã, na aldeia Itacarambuzinho, estudava no turno da manhã das 7 horas até as 11:20 horas, por alguns dias minha mãe sempre levava e buscava eu e minha irmã que na época tinha 7 anos de idade, pois nos tinha medo de ir sozinhas porque a escola era longe gastávamos 30 minutos a pé da minha casa até a escola.

Ao chegar da escola, eu almoçava, descansava, resolvia as tarefas escolares, brincavam a tarde toda, tudo que fazíamos na escola reproduzíamos em casa brincando e aprendendo, na escola sempre praticávamos nossa cultura, sempre cantávamos as nossas músicas indígenas e pintávamos o corpo com tinta de jenipapo. Estudei na escola estadual indígena wikipu kuhinã do PPA no começo do ano de 2006, até o final do ano de 2014, assim concluindo a oitava série do ensino fundamental. A partir dos 10 anos de idade comecei a ajudar os meus pais trabalhar na roça depois de chegar da escola nunca deixando de fazer as atividades escolares, sempre me esforçando em cada uma das matérias e sem deixar de brincar e de ser criança.

Em 2015 fui para aldeia barreiro preto onde meu avô por parte de mora para poder estudar o ensino médio, pois era mais fácil o acesso à escola, pois na minha aldeia não tem o ensino médio. No entanto eu teria que me deslocar para a aldeia Riacho dos buritis para poder estudar mas vendo a dificuldade e distância e pela falta de ônibus resolvi ir morar com meu avô Osvaldo Fernandes pois a casa dele era bem próxima a escola Xukurank.

Estudei lá por 3 anos seguida até concluir o ensino médio, minha rotina era ir pra aldeia barreiro na segunda de manhã, algumas vezes a minha mãe levava eu e minha irmã montado a cavalo até a casa do meu avô para não irmos a pé porque era muito longe da minha casa, algumas vezes quando tinha ônibus nos pegava uma carona da escola até próximo a minha casa na sexta feira a noite do ponto de ônibus andávamos cerca de 20 minutos para chegar em casa, outras vezes quando não tinha ônibus eu e minha irmã vinham a embora a pé no sábado de manhã

Gastávamos umas 2 horas e 30 minutos para chegar em casa, gostávamos de passar o final de semana na casa dos meus pais .

Conclui o ensino médio na Escola Estadual indígena Xukurank na aldeia barreiro preto, no ano de 2017, fiquei o ano de 2018 tentando vários vestibulares para começar uma faculdade, mas não foi possível, no ano de 2019 fiz a prova específica para educadores indígenas, da UFMG onde conseguir passar na área de ciências da vida e da natureza que foi uma grande felicidade, e uma conquista indispensável para mim.

Escolhi esse tema pois, quando era criança sempre passeava com minha família na aldeia barreiro preto, onde meu avô Osvaldo Fernandes mora, e passávamos em frente ao viveiro de mudas ficava olhando de longe as plantas e a pessoa que trabalhava na manutenção e irrigação.

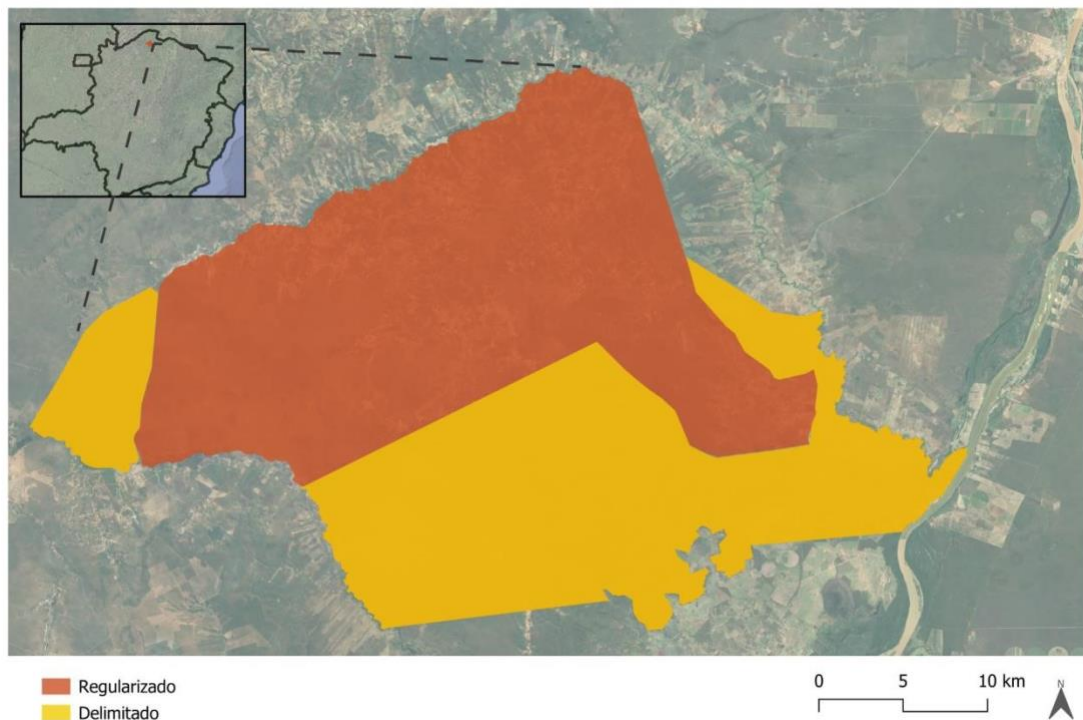
Em 2022 após retornarmos as atividades do FIEI presencialmente no Intermódulo que foi realizado na aldeia Sumaré 1 a turma juntamente com os professores foram visitar os viveiro de mudas, onde tivemos uma palestra com Manoel Antônio sobre a criação dos viveiros e a necessidade de cultiva-los, me despertou interesse em fazer o meu trabalho de percurso com esse tema.

2. O TERRITÓRIO E O POVO XAKRIABÁ

O povo indígena XaKriabá reside nas terras situadas no norte de Minas Gerais, abrangendo a maior comunidade indígena do estado. De acordo com as estimativas iniciais, eram aproximadamente 8 mil indivíduos, mas atualmente somam cerca de 12 mil pessoas. Mais de 70% da população do município de São João das Missões é composta por XaKriabá. A maioria deles reside na Terra Indígena Xakriabá (TIX), que é composta por aproximadamente 37 aldeias e 20 sub-aldeias.

A Terra Indígena XaKriabá (TIX) foi oficialmente reconhecida e homologada no final dos anos 1980, após violentos conflitos que resultaram na morte da liderança Rosalino Gomes em 1987. A TIX possui uma área consolidada de 53.014,92 hectares. Em 2003, uma área adicional, que não é contígua, também foi homologada e conhecida como Terra Indígena XaKriabá Rancharia, com área com cerca de 6.798,38 hectares.

Figura 2: Mapa Território Indígena Xakriabá com demarcação da TIX



Fonte: produzido pelo autor em parceria com os bolsistas do grupo de extensão Morar Indígena.

Ainda que as terras homologadas garantam o direito de uso, é sabido que o território tradicional Xakriabá é mais extenso. O documento de doação de Januário Cardoso em 1856 já descrevia o território indígena Xakriabá maior do que aquela atualmente homologada. Tradicionalmente, os Xakriabá têm interações com outros povos e regiões localizadas nos estados de Minas Gerais, Goiás e Maranhão. Ana Gomes e Roberto Monte-Mór. (2020) descrevem essa relação.

"Os Xakriabá fazem parte do tronco linguístico Macro-Gê, divisão Akwen, que é formado por pessoas que vivem nas terras situadas entre as bacias dos rios São Francisco, Tocantins, Araguaia e Rio das Mortes. Essas pessoas estão dispersas em uma área que engloba partes dos Estados de Minas Gerais, Goiás e Maranhão. "Os Xerentes seriam os grupos que viviam nas regiões próximas ao rio Tocantins, os Xakriabá nas áreas próximas ao rio São

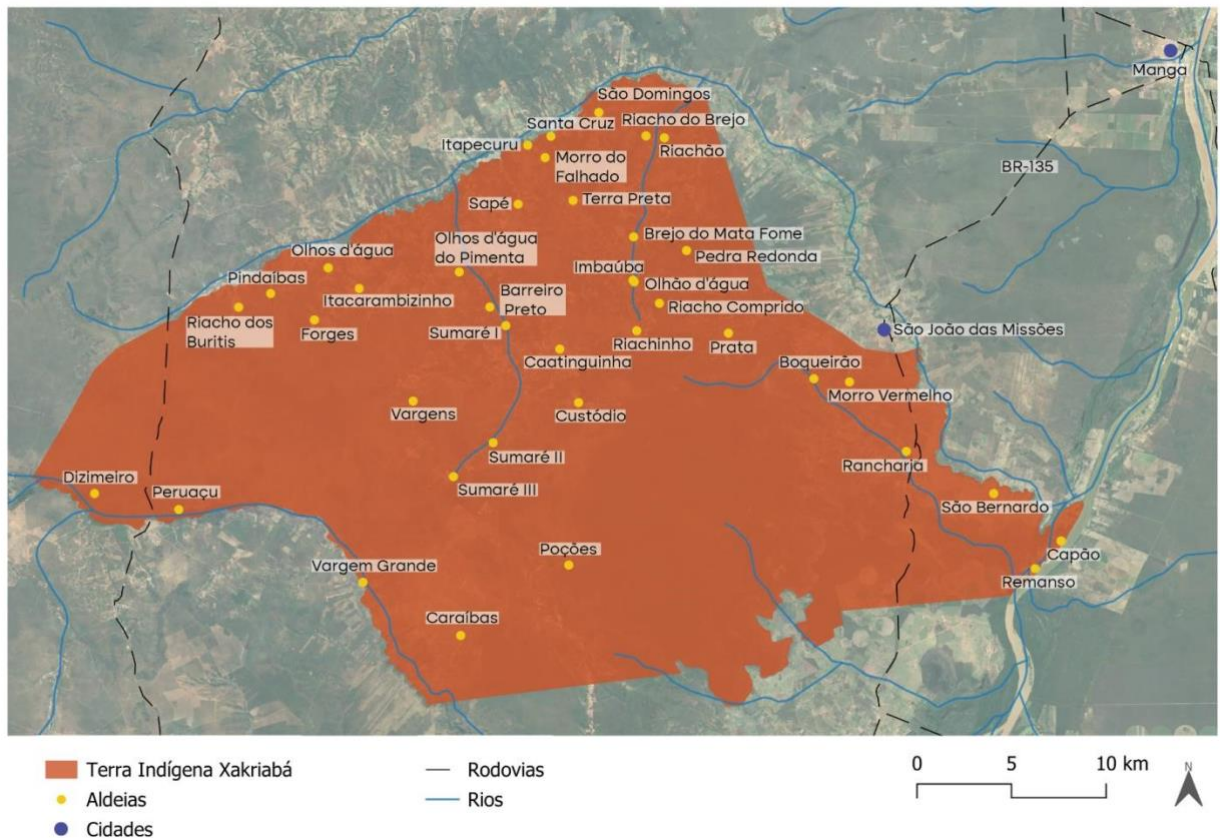
Francisco, e os Xavante nas áreas próximas aos rios Araguaia e Rio das Mortes. Esses três grupos fazem parte da família linguística Akwen.

Hoje em dia, os XaKriabá se comunicam principalmente em português. Essa forma de português pode ser caracterizada como um português indígena, de acordo com as observações da professora Maria Gorete (Gorete Neto, 2012). O português falado pelos XaKriabá preserva algumas palavras da língua nativa Akwén, que é um dialeto específico da etnia XaKriabá. Além disso, o português Xakriabá possui sonoridade e ritmos únicos que são usados no dia a dia e nas músicas entoadas durante eventos festivos, como casamentos que ocorrem dentro do território. Considerando um observador que foi influenciado pelos ensinamentos coloniais e convencionais sobre o ideário indígena amazônico, que está em perigo de extinção devido ao processo de assimilação na sociedade civilizada, os Xakriabá podem ser vistos como agricultores comuns de uma região. No entanto, apenas é necessário estar presente e ter uma escuta aberta, sem conceitos pré-estabelecidos, para que seja possível perceber a importância, a experiência e a resistência de diversas práticas ancestrais que são preservadas pelos habitantes nativos daquela região. Ana Gomes e Roberto Monte-Mór (2020) falam sobre esse assunto.

O grupo populacional atualmente identificado como povo Xakriabá é o resultado de uma intensa miscigenação com outros grupos indígenas desde os períodos de aldeamento nos séculos XVI e XVII. Essa miscigenação ocorreu com brancos, negros, mamelucos, cafuzos e caboclos de diferentes origens, que ao longo dos últimos séculos se fundiram com os Xakriabá através de matrimônio e processos de interação social familiar e comunitárias. No século XX, os grupos Xakriabá ganharam fama como "grupos de caboclos", que dividiam com posseiros e migrantes nordestinos as terras em condomínio da região. Se observados à distância, poderiam ser confundidos com diversas comunidades rurais de agricultores pobres do interior de Minas Gerais e Bahia. No entanto, não é preciso fazer uma análise etnográfica e histórica detalhada para perceber que os Xakriabá são diferentes e únicos. Os Xakriabá têm uma identidade específica e uma consciência intensa e complexa de sua condição indígena. A religião, o compartilhamento da terra e a ligação com o território ancestral são apenas algumas das características mais notáveis (Gomes, Monte-Mór, 2020: 3).

A miscigenação, ou a mistura de raças, é parte da prática de resistência da cosmologia Xakriabá. A mistura é uma força impulsionadora da cultura Xakriabá, pois promove alianças que fortalecem o coletivo, como descrito por Rebeca Andrade em sua tese (Andrade, 2019: 277).

Figura 3: Território Indígena Xacriabá com a indicação das aldeias.



Fonte: Mapa produzido pelo autor em parceria com os bolsistas do grupo de extensão Morar Indígena.

3. A ALDEIA BARREIRO PRETO E A CRIAÇÃO DE SUA ASSOCIAÇÃO

A aldeia Barreiro está aproximadamente 260 a 300 famílias, percebe que esse número vem crescendo constantemente, desde de quando a Terra foi homologada, no ano de 1987, esse número de indígena no território era bem pequeno, E hoje a gente percebe que talvez, só que na aldeia Barreiro preto está quase chegando próximo a isso, falar que hoje território hoje está composto por 12000 indígenas. A aldeia barreiro preto é uma das aldeias mais grande do território indígena, é dividido também entre subs, aldeias sendo olhos d'água, Veredinha e Brejinho, no qual engloba a aldeia Barreiro preto.

A aldeia Barreiro, é onde a gente tem também uma nascente, que a faz o máximo de estar preservando aonde Uma das únicas nascente que ainda corre água fluentemente, o ano todo, o nome Barreiro preto surgiu porque percebe-se que é um bairro bem escuro, e é onde tinha vários lugar que naquele tempo, gado costumava lamber, então o pessoal achava que a terra era salgada, tem várias histórias, que define o nome Barreiro preto e a sub aldeia vem pela questão do olhos da água, Por causa da nascente que tem próximo e cada lugar tem um nome específico através de uma história. Além disso é onde começa a criação da associação AIXABP, destacando que ela Foi a segunda associação criada no território indígena, no ano de 1998, veio com intuito de fortalecer na busca de projetos, a primeira associação foi criada do Brejo mata fome no ano de 1994, ela, era geral para todas as aldeias justamente pra receber algumas ações voltadas para o território, e Precisava ter alguma instituição Registrada em cartório, Uma das alternativas que o cacique Rodrigo (in memoria) junto com os lideranças e o povo do território, para receber alguns benefícios para a população como cesta básica, ferramentas de trabalho que naquela época tinha dificuldade de comprar para trabalhar na roça além de outros projetos como doações por meio de alguns órgãos parceiros.

A necessidade de que está criando outras associações surgiu pelo fato do território está crescendo, e só tinha essa associação da aldeia brejo mata fome e tinha sócio espalhado em todas as aldeias e a distância que era muito grande em questão de deslocamento tinha que ir a pé ou montado a cavalo para as reuniões as vezes perdia muito tempo, mas os sócios não deixavam de participar da das reuniões e conversa com os mais velhos quando era marcada.

No ano de 1998 surgiu a associação AIXABP com intuito de assumir ações e por meio de projetos além de fortalecer a questão do recebimento da sexta-básica, ferramentas, entre outras várias demandas. O presidente da associação naquela época era o senhor Valdemar Xavier (in memoria) que era liderança da aldeia barreiro preto que buscou a Criação da associação em questão da rede de luz elétrica foi por meio da associação, o primeiro projeto que a associação tem buscado além de várias iniciativas aí que trouxe para a aldeia, e para o território.

A partir de um determinado tempo foi surgindo a necessidade também de estar criando outras, associações no território XaKriabá Pelo fato de apenas duas associações ainda não conseguiria atender toda as demandas, hoje temos aproximadamente 18 associações já criadas.

As pessoas indígena envolvida na Associação tem como base também a organização interna, por meio de cacique, Lideranças e o povo da comunidade e território são os grandes responsáveis para dar continuidade tem vários sócios espalhado em várias aldeias, tem um

estatuto da associação, que rege todas as demandas, e de dois em dois anos é feita uma reunião de renovação da diretoria, tem por 25 membros registrado que compõem a diretoria, foi uma luta para permanecer esse total de membros pois queria que diminuísse pra 12 membros. A associação AIXABP é composta por diretoria, conselho de deliberativa e conselho fiscal, totalizando 25 membros, atualmente tem presidente, vice-presidente, três secretários, sendo um secretário geral, a primeira secretária, segunda secretária, dois tesoureiros, primeiro e segundo tesoureiro, sendo um o estudante de direito Edmar Bezerra e Fernanda, que faz parte da assessoria de Célia Xakriabá, e conselho fiscal compondo um grupo aí de cinco pessoas, entre outros.

A associação tem vários sócios, um número de aproximadamente 500 a 600 sócios, e para associar é preciso do documento pessoal onde é feita uma reunião com a comunidade para aprovar a pessoa, se poderá fazer parte da associação ou não. Tem trazido vários benefícios desde a primeira associação no território XaKriabá tem sido vários projetos desde de construção de casa de farinha, banco de semente, casa de medicina, fortalecendo os plantios em terras de brejo na aldeia barra do Sumaré, a recuperação das nascentes que foi um projeto pelo meio ambiente que trouxe o título XaKriabá de mãos dadas pela recuperação das nascentes onde foi contemplada a nascente do olhos d'água e mais 16 em todo o território todo xacriabá, a criação da casa de farinha, o engenho além dessa recuperação fez o cerceamento, plantio de mudas, a conscientização através das escolas, teve também algumas tentativas que era importante mas não que deu certo como por exemplo o criatório de peixes, tem alguns projetos que foi feito e hoje esta parado sem uso pela necessidade de manutenção, mas falta o recurso.

Os parceiros da associação AIXABP tem vários sendo o CAA através dele conseguiu trazer vários benefícios, executar projetos ajuda na hora de prestação de contas escrever projetos, tem a UFMG o CIME ao FUNAI, a prefeitura, as escolas a organização interno do povo XaKriabá, hoje tem cerca de 9 aldeias envolvida na associação AIXABP, sendo as aldeias barreiro preto, Peruaçu, Itacarambuzinho, Sumaré 1, Sumaré 2, Sumaré 3, vargens, cantiguinha e custodio, o valor da mensalidade é 2 reais por mês.

Os desafios da associação AIXABP são vários principalmente na hora de fazer as reuniões para recompor a diretoria, pois sendo um trabalho voluntario não tem um recurso para pagar os membros que exercem cada função, e exigem muito tempo e disponibilidade da pessoa estar no território para buscar projetos e emitir declarações. A maioria dos que não trabalha no território acaba tendo que se deslocar para outro lugar em busca de um meio de sobrevivência, e quando coloca uma pessoa que trabalha na comunidade facilita muito, porque

ela tem o compromisso de atuar de alguma forma para ajudar no território XaKriabá, e quando tem um edital aberto tem que escrever, fazer reuniões, e no caso de ser aprovado tem que colocar a mão na massa para a execução do projeto, pois quando lança um edital ele tem prazo para enviar, se vencer já perde a oportunidade de aprovação, muitas vezes tem três fases, para ser passado pela avaliação de algum órgão que lançou edital, depois vem a questão das burocracia de recebimento do recurso, além de ter que ser apresentado para a comunidade e começar a executar o projeto e prestação de conta.

3.1. História da criação da associação XaKriabá barreiro preto contado em um poema por Sandra XaKriabá

Se eu falasse com detalhes, a história por inteiro como se criou a Associação da Aldeia Barreiro Preto.

Em 1998 algo estava para mudar

De tantas lutas e conquistas vive o povo XaKriabá.

Nossa extensão territorial, o aumento de muita gente,

Pegando gancho da antiga Associação pensamos criar a AIXABP, A qual hoje se faz presente.

Mesmo sem haver projetos, juntávamos para conversar

Dirigida pelo primeiro presidente que na época era o senhor Valdemar.

Planejávamos incansavelmente, o que um dia poderia chegar.

As ideias eram colocadas em apenas discussão

Com a esperança de um momento os parceiros olhar para nossa Associação.

Foi passando algum tempo, na segunda direção, veio presidente João

Que também direcionou o primeiro projeto que pela Associação aqui chegou.

Feliz aquele que crê.

Foi a construção da creche, hoje todos podem ver.

Vivendo uma parceria engatou de lá pra cá

Voltando para dirigir novamente o senhor Valdemar

E que muito ajudou, já como presidente e também vereador.

Várias coisas aconteceram, inclusive a articulação,

Com o prefeito e diretor que, na época, Deu avanço na educação.

Formataram alguns projetos, como projeto N'tchatari

Com roças comunitárias irrigadas, mas que só isso não bastava E
por falta de parceiros, no momento não deu em nada.
Mas claro que não por isso, o povo iria desanimar
Assim que se começa, só se pensa em terminar. Foi
aí que também surgiu uma nova discussão
O projeto das nascentes, veio para a população.
Era o XaKriabá de mãos dadas nessa recuperação,
Onde iria contemplar as Vargens, a Prata, Olhos D'água,
Olhos D'águas dos Pimentas e Olhos D'aguão
Caminhando sempre assim numa mesma direção.
Na Aldeia Caatinguinha se andava com muita fé Contemplando
o Sapé e também o Sumaré.
Brejo Mata Fome, Rancharia, Riacho dos Buritis e Riachinho
Recuperar as nascentes era o que todos queriam ali
Ainda tinha a Aldeia de Pedrinhas para no projeto incluir.
Com o projeto discutido, já vinha trabalho dobrado
Era para execução e com o novo presidente Que
era o senhor Hilário por 2003 e 2004.
Já com alguns parceiros que até hoje estão honrados
Com o projeto do PROSAN, já se via um bom sinal Era
programa sustentável e também nutricional.
Projeto da roça comunitária de mandioca
Projeto de piscicultura, PPP Ecos, Casa da Medicina Tradicional Tudo
pela construção de uma cozinha experimental.
Ainda assim tivemos uma ampliação
E para completar, a compra do caminhão. Com
as portas já abertas, assim nos capacitamos E
junto à comunidade uns aos outros ajudando.
As conquistas foram surgindo dos projetos nos tornamos autores Daquilo
que se estava pedindo, fomos nós os condutores.
Assim pensamos, agora não pode parar
Daí surgiu o Carteira Indígena e outros projetos Sustentáveis
começaram aqui a chegar.
Foi caindo e se levantando, não foi de um jeito ligeiro.
Assim foi se aprumando e chegando nossos parceiros

Como FNMA, MDA, IDENE, PPP Ecos, CODEVASF, IEF, EMATER
IBAMA, CAA, assim continua nossa fê
UFMG, também CARITAS, UFSJ e ICMBIO, IFET, ASA e ainda PDA.
ISCOS, CASA VERDE, Secretaria de Estado da Cultura, Permacultura E
claro também a nossa Prefeitura.

Com esses ingredientes tudo começa a dar certo
Mas não aconteceria nada, se o povo não estivesse tão perto.

Nicolau era vice do presidente Hilário
Desempenhava um bom papel, ninguém diz o contrário
Dando continuidade, Nicolau a presidência assumiu
Calma aí, minha gente? Não foi a presidência do Brasil.

Dando como sequência a essa Associação
Vieram outros projetos e os que já estavam em execução
Como a Casa de Cultura na Aldeia Sumaré,

A Casa de Farinha, os Pontos de Cultura em Pindaíbas, Pedra Redonda e Veredinha E
ainda não terminou com tudo isso teve a compra do trator.

Como merecimento dessa gente, veio o projeto LOAS

Apoiando as estruturas existentes e a compra de materiais e ferramentas para iniciativa dessa
gente.

Como não bastaria, foi criado ainda a Casa de Farinha Com
os bolos e biscoitos, uma pequena padaria.

A Associação AIXABP vem fazendo diferente
Tem grande afinidade com projetos sustentáveis aqui já existentes,
Se preocupando com os projetos juntos ao meio ambiente. Através
desses projetos, não só o benefício material que chegou Uniram os
parentes, a conversa engatou.

Virou momento de trabalho e também de alegria
Fortalecendo a cultura, que pensou perder um dia. Com o
trabalho incansável, agradecemos aos secretariados
Nossos associados e toda a diretoria.

A organização social também vimos melhorar
No convite ao diálogo, os parceiros vão chegar
Vamos dando uma ajuda a outras Associações Pois
só fortalece nossa luta, se existir a união.

Aos nossos associados agradecemos sem cansar
Este é um povo de luta, quando algo quer buscar.

Me desculpa se cansaram nesse tempo que eu leio
 Este é o breve histórico da Associação do Barreiro.
 Estamos fortalecidos, juntos vamos caminhar
 Agradeço minha gente e por aqui vou encerrar
 Permanece sempre unido O POVO XAKRIABÁ.
Poema de Sandra XaKriabá

4. A CRIAÇÃO DO COLETIVO DE AGRICULTORES: ROMZÃ

O território Xakriabá é caracterizado por uma paisagem semiárida, onde ocorre a transição entre os biomas Cerrado e Caatinga.

Nos últimos anos, a seca natural tem se intensificado, resultando em períodos mais prolongados de falta de chuva, o que prejudica a agricultura tradicional. Em termos gerais, a seca, intensificada pelas mudanças climáticas em todo o mundo prejudica as atividades agrícolas e compromete a capacidade dos XaKriabá de garantir a própria alimentação. Por outro lado, a dependência das cidades está aumentando e o estilo de vida urbano está afetando o modo de vida dos indígenas, o que tem um impacto significativo em sua relação com o território e a alimentação.

A oferta de alimentos na Terra Indígena Xakriabá não é atendida apenas pela produção local, e os Xakriabá precisam complementar sua alimentação com produtos de fora, muitos dos quais são industrializados. Além disso, houve um aumento no número de jovens que deixaram o território devido à escassez de opções de emprego e renda.

Nesse cenário de seca e dependência urbana, os Xakriabá e seus apoiadores têm implementado medidas para resistir e superar os desafios enfrentados. Uma dessas iniciativas é a criação recente do Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Indígenas Xakriabá, também nomeado ROMZÃ (que, na língua Akwen, significa SEMENTE). A promoção e defesa dos direitos dos agricultores e agricultoras indígenas Xakriabá. Isso inclui a valorização e proteção da cultura e tradições indígenas, a preservação do território e do meio ambiente, a garantia de acesso a recursos naturais para práticas agrícolas sustentáveis, a promoção de sistemas alimentares saudáveis e diversificados, o fortalecimento da autonomia econômica e produtiva das famílias indígenas, a busca por políticas públicas adequadas às demandas e necessidades dos Xakriabá, entre outros. O coletivo também visa promover a inclusão social e a equidade de gênero, dando voz e visibilidade às mulheres indígenas e promovendo a participação ativa dos

jovens nas atividades agrícolas e culturais. De acordo com as regras definidas pelo grupo, um dos principais objetivos é impulsionar o crescimento econômico, cultural, social e ambiental sustentável das aldeias Xakriabá, visando melhorar as condições de vida dos agricultores e agricultoras familiares, criando parcerias que ajudem os membros na produção agrícola, nas atividades artesanais, na produção de produtos manufaturados e na venda de bens e serviços.

Figura 4: logo do Coletivo de Agricultores XaKriabá: ROMZÃ



Fonte: Coletivo Romzã

Reuniram os agricultores que tem o foco na produção de alimentos porque não conseguiria vender para escola com número grande de sócios por causa da demanda de 60% de sócios e teria que ter uma DAP jurídica com estatuto voltado a agricultura familiar e levar alimentos mais saudáveis para as escolas além de gerar lucro para os produtores. A associação recebe 5% de cada venda dos agricultores para os custos administrativos para os contadores e organizadores.

Os parceiros internos da associação de agricultores são as direções de escolas algumas comunidades, tem também alguns órgãos parceiros como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAAMN) o CIME, a carta de osezano de Januária.

Figura 5: Agricultores trocando experiências durante levantamento colaborativo ROMZÃ



Fonte: Zeza XaKriabá.

Os benefícios recebidos pela associação uma parte foi a conquista de conseguir realizar vendas de alimentos para a escola porque os recursos iriam para outras pessoas de fora da comunidade e a associação de agricultores não podia emitir nota fiscal, e hoje está buscando mais projetos para realizar.

As principais comunidades que estão envolvidas na associação de agricultores são: Vargês, Barreiro, Santa Cruz, Barra do Sumaré, Itapicuru, Riacho do brejo, hoje está em torno de 22 sócios indígenas com dap e realizando as vendas de alimentos para as escolas,

Os valores da taxa dos sócios no início foram de 50 reais para poder pagar o registro da associação que saiu aproximadamente 1000 reais, nos dias atuais a taxa está sendo 5% do valor arrecadado nas vendas de alimentos para as escolas que é repassado primeiramente para a associação descontando o valor da taxa depois entregue para o sócio que realizou a venda.

Número de sócios hoje é aproximadamente 40 sócios, mas tem apenas 22 associados que estão diretamente na dap jurídica hoje tem mais sócios que atuam indiretamente se a dap, porque a dap jurídica tem um prazo e só pode fazer alguma mudança depois de 1 ano. Os principais desafios da associação é porque exige muito tempo e o trabalho é voluntário pois precisa de organização, atenção, e dedicação, também precisa ser compartilhado com outras famílias e tem que ir atrás dos agricultores para incentivar a aumentar a produção mostrando que já tem um caminho para a venda para as escolas.

O sucesso da associação foi a criação dela com o objetivo de atender as escolas e poder dar um retorno para as comunidades esses benefícios de ver esse ciclo da agricultura familiar traz muito orgulho.

5. OS BRIGADISTAS E O SEU TRABALHO

O trabalho dos brigadistas é temporário, a contratação acontece por um processo seletivo onde tem alguns testes para realizar, as inscrições se inicia a partir do mês de abril e finaliza em novembro o primeiro teste é o teste da bomba é percorrer 2400 metros com uma bomba de 20 litros cheia de agua quem fazer em menos tempos vai classificando, tem também o teste da enxada para capinar um quadro de 3 por 5 metros com trabalho bem feito e em menos tempo. Depois desses dois testes tem o curso com a duração de 7 dias onde passa a ter conhecimento do trabalho do brigadista no final do curso as pessoas que tiver a nota maior serão classificadas.

Figura 6: Brigadistas na beira da nascente dos olhos d'água



Fonte: Elizanirio Fernandes

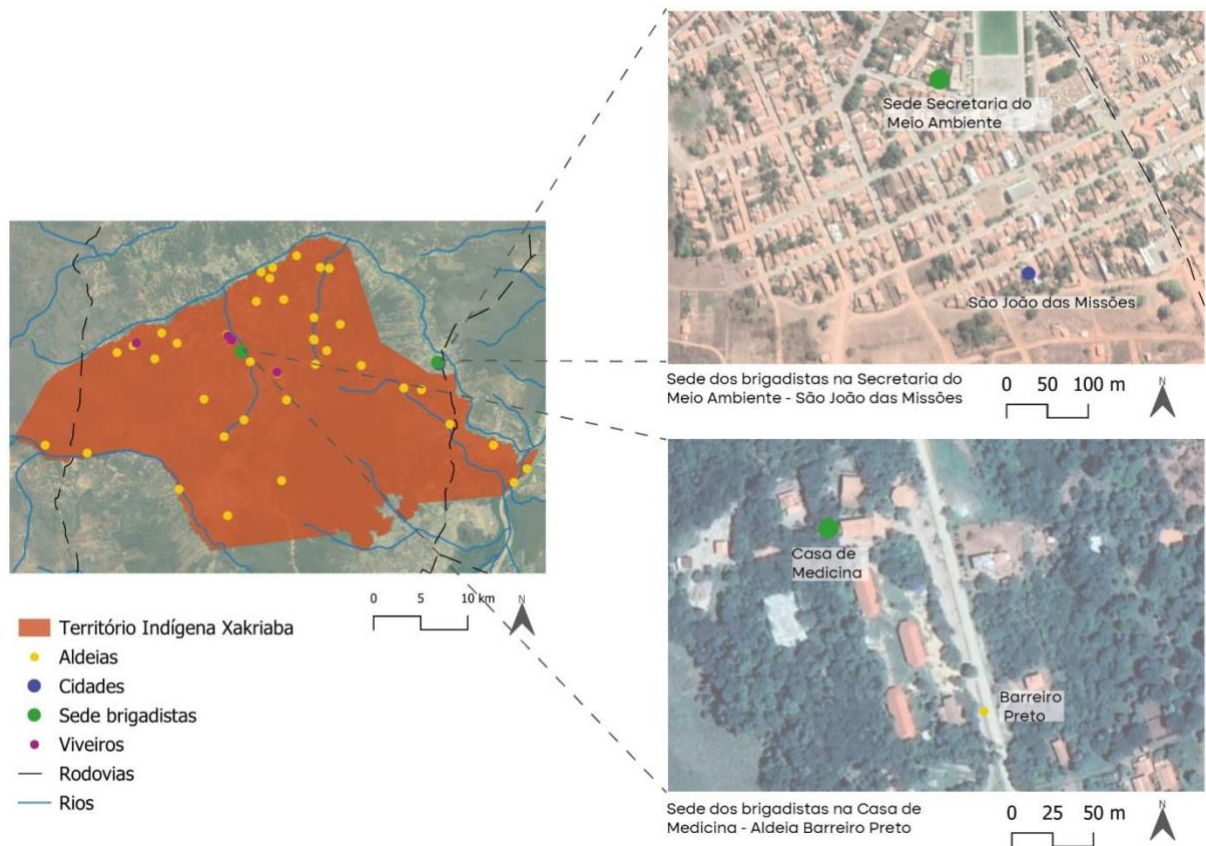
As atividades feitas pelos brigadistas são várias durante o período que inicia o trabalho de maio pra junho eles trabalha na prevenção de fogo que são os aceiros das áreas preservadas por exemplo nas nascentes , matas, e acompanha os aceiros dos moradores das comunidades quem tem a tradição de derrubar roça para queimar porque não podem proibir mas faz as

orientações sobre os aceiro que são três metros de largura e tem que está bem feito bem ciscado não pode ter galhos seco nenhum para não passar fogo de um lado para outro. No meio mês de agosto e setembro que é época da seca os brigadistas acompanham mais os incêndios coloca ajuda no acompanhamento das queimas de roças, mas também fica de plantão para os combates contra os incêndios tem que tem que ficar atentos aos monitoramentos e as vezes eles precisam se deslocar da região para outro estado ou outro município, mas a equipe é grande geralmente fica uns 15 brigadistas acompanhado as queimas de roças e sai 15 dependendo da precisão.

No começo de junho fica uma equipe de brigadistas produzindo mudas para o viveiro e no começo de novembro eles saem distribuindo mudas e incentivam as comunidades a plantar mudas frutíferas que além de ajudar a preservar vai ter um retorno na produção de frutas para as pessoas até mesmo para os pássaros.

O trabalho dos brigadistas no combate funciona da seguinte forma eles tem o carro de apoio onde eles desloca um esquadrão com a equipe de 7 pessoas durante o dia trabalha uma de cada esquadrão hoje eles estão trabalhando em duas bases uma na reserva indígena do povo XaKriabá e outra que também faz parte da reserva mas que trabalha no município de São Joao das Missões dentro da cidade para facilitar o deslocamento das equipes para o combate e eles chegam o mais rápido possível quando a informação chega até eles e nessa equipe fica uma pessoa no ponto de monitoramento que fica no ponto mais alto da reserva onde consegue observar as fumaças e passar as informações para o chefe do esquadrão que conduz a equipe onde vai ser efetuado o combate eles tem as ferramentas de acordo com o combustível que há no local ai tem as ferramentas que podem ser utilizadas, mas geralmente o combate direto é feito mais com as bombas costal quando eles chegam no local de combate eles observa e se o incêndio tiver alastrado eles chamam reforços , primeiro passo chama as outra equipe que tem na cidade ou vice versa , e também os parceiros como os brigadistas são do IBAMA eles trabalham com parcerias como CMBIL, bombeiros e IEEF, eles trabalham juntos , se o combate for dentro do município e precisar reforços eles chamam e se fora do município as vezes eles já encontram os reforços lá já atuando.

Figura 7: Mapa com localização das sedes dos brigadistas



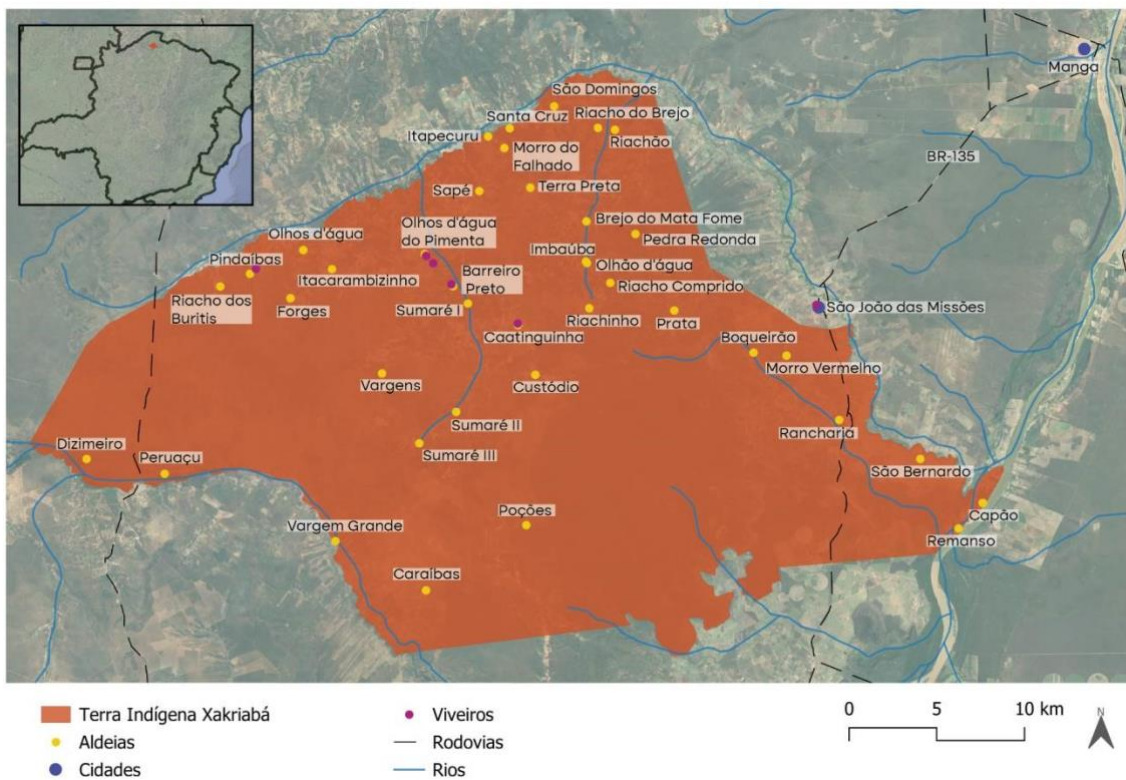
Fonte: produzido pelo autor em parceria com os bolsistas do grupo de extensão Morar Indígena.

A proteção das nascentes os brigadistas sempre fez, mas surgiu a partir de 2018 quando entrou um número maior de brigadistas da reserva indígena eles viram a representação XaKriabá eles começou a observar esses trabalhos que fazia parte do trabalho do IBAMA e nem todos tinham conhecimentos eles propuseram para eles visitar as nascentes e passar a cuidar e comunicaremos a comunidade pedindo apoio também Hoje eles atuam em mais de 10 comunidades onde tem área de proteção nascentes começou uma parcerias junto com os presidentes das associações onde desenvolvem alguns projetos junto com a associação e referencia maior e a nascente da aldeia barreiro preto , que é a nascente mais forte e ainda prevalece nativa, e faz a limpeza tem lugar que é are de morro eles cuida das pequenas nascentes também porque é uma área preservada e tem vários animais que bebem lá eles procuram limpar a cuidar para que ela possa surgir um novo rendimento e eles voltam a proteger fazendo aceiros e concertando as cercas e plantando mudas nativas que são produzida no viveiro eles plantas nessas áreas de preservação.

6. A CRIAÇÃO DOS VIVEIROS DE PLANTAS

O primeiro viveiro que foi criado na reserva foi o viveiro da associação era um local que muito próximo ao riacho então os brigadistas não aprovou muito porque quando chovia o riacho transbordava a água passava no viveiro e acabava levando as mudas então eles faziam uma espécie de giral para colocar as mudas em cima que era feito com bambus, um dos integrantes da brigadista fez o pedido de um outro local para um morador onde era próximo ao riacho para que eles fizessem outro viveiro e pudessem mostrar o trabalho da brigada porque eles viram a necessidade de trabalhar com a conscientização mas teria que ter os materiais em mão e nada melhor do que umas mudas para conscientizar o povo e com muita batalha conseguiu formar esse viveiro e no primeiro passo conseguiu produzir 2000 mil mudas onde foi distribuída para várias comunidades principalmente as mais carentes as pessoas que não tinham condições para ir até o viveiro a brigadista buscou levar até eles e entregar sem custo nenhum e também levou para as escolas que sempre pedia as mudas, tudo isso antes de finalizar o contrato da brigada.

Figura 8: Mapa do Território Indígena Xakriabá com a localização dos viveiros

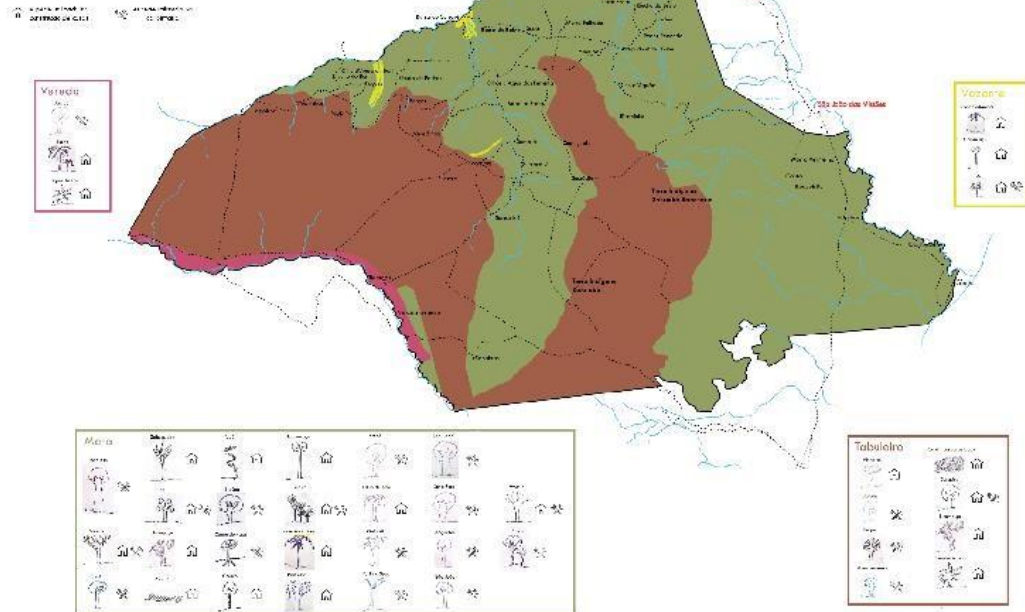


Fonte: Mapa produzido pelo autor em parceria com os bolsistas do grupo de extensão Morar Indígena.

Figura 9: Território Indígena Xakriabá com a indicação dos Biomas e Árvores nativas.

APÊNDICE III

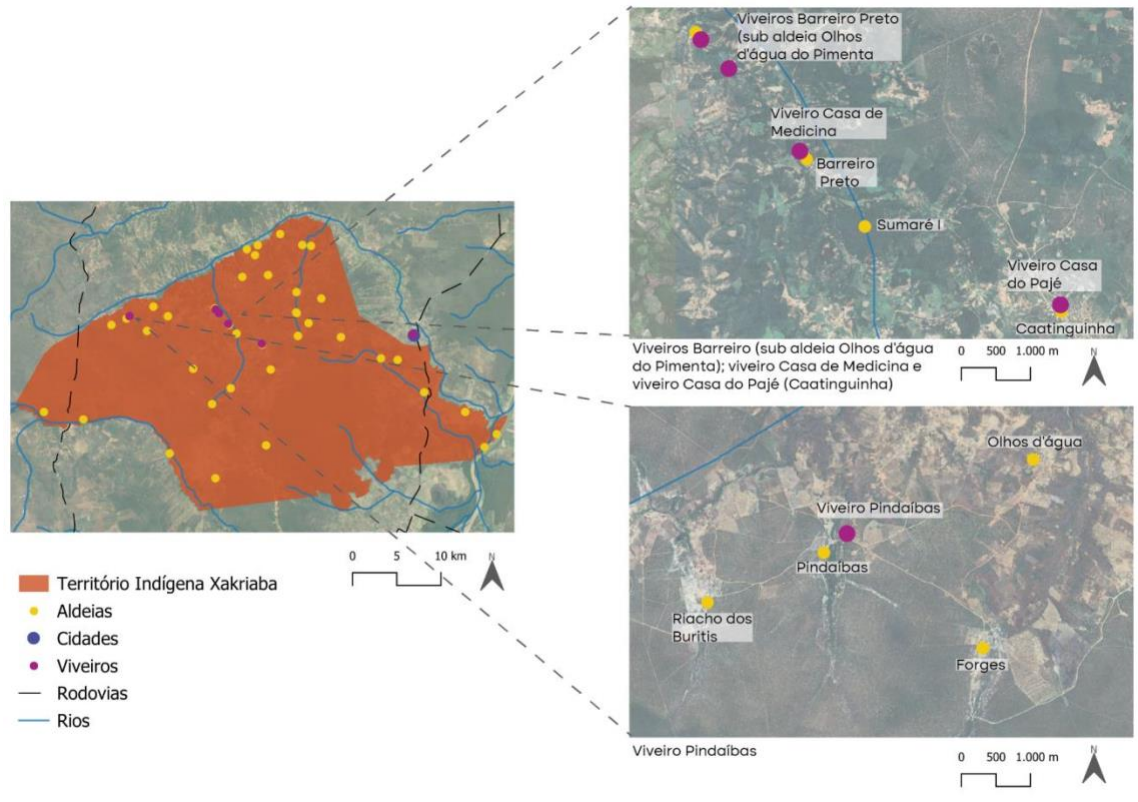
Mapa dos biomas e árvores



Fonte: produzido pelo autor em parceria com os bolsistas do grupo de extensão Morar Indígena.

Logo em seguida conseguiu o projeto através da FUNAI junto com os brigadistas e a associação outro projeto onde está sendo construída uma casa de ferramenta conseguiu a reforma dos viveiros também com as bombas que é custo zero com as placas solar esse projeto foi de 100 mil e já incluiu os dois viveiros o que era mais atuado com a brigada e o antigo que é da associação hoje tem os dois viveiros já funcionando.

Figura 10: Mapa localização dos viveiros de mudas no Território Indígena Xakriabá



Fonte: produzido pelo autor em parceria com os bolsistas do grupo de extensão Morar Indígena.

Em relação ao desmatamento os brigadistas debatem muito, em cima da conscientização nas escolas e também quando entrega as mudas, outras vezes quando encontra matas derrubadas matas brutas eles orientam a trabalhar nas áreas mais degradadas, os brigadistas não podem proibir então eles trabalham mais na conscientização, mas devagar vai fazendo efeito nunca é de uma hora para outra o processo é lento mais hoje tem várias pessoas que não derruba mais as matas.

Figura 11 e 12: viveiro de mudas no Barreiro Preto - sub aldeia Olhos d'água do Pimenta





Fonte: Acervo Pessoal

A necessidade de reflorestar e recuperar o território é especialmente importante pois, as florestas são partes fundamentais da identidade cultural e espiritual dos povos indígenas. Ao reflorestar e recuperar os territórios, é possível preservar nossas tradições, conhecimentos e práticas ancestrais, que estão ligados à natureza. O reflorestamento e a recuperação do território contribuem para o fortalecimento das comunidades indígenas, promovendo a autonomia e liderança dos povos indígenas no manejo sustentável dos recursos naturais.

A necessidade de recuperar as nascentes de água no território indígena é extremamente importante pois, a água é essencial para a sobrevivência de todas as formas de vida, incluindo as comunidades. A recuperação das nascentes garante o acesso a água potável de qualidade, fundamental para as necessidades básicas de higiene, consumo e agricultura.

As nascentes de água costumam ser habitats de diversas espécies de animais e plantas, algumas delas exclusivas de ambientes aquáticos. Ao recuperar esses locais, promove-se a conservação da vida selvagem e o restabelecimento da biodiversidade local. Além da importância para o equilíbrio do clima local e regional. Elas ajudam a regular a temperatura,

umidade e circulação de água na região. Ao recuperar essas nascentes, contribui-se para a estabilidade climática, reduzindo a probabilidade de eventos climáticos extremos, como secas e enchentes. Com as mudanças climáticas em curso, é esperado que ocorram alterações nos padrões de chuva e disponibilidade de água em diversas regiões.

Em 2007 a associação AIXABP teve o projeto da criação do viveiro de mudas aprovado pelo ministério do meio ambiente com intuito de cercar para recuperar as nascentes que estava se perdendo dentro do território, evitando de animais estar pisoteando e plantar mudas de arvores e plantas para ficar conservada evitando a questão do desmatamento. Na época a nascentes dos olhos d'água era cercado apenas a margem da nascente, mas estava precisa de um a reforma além de ampliar a área maio das nascentes para evitar pisoteamento de animais na boca das nascentes. Assim como a nascente dos olhos teve outras nascentes que foi beneficiada com o cerceamento e reflorestamento como na aldeia riacho dos buritis, pedrinhas Peruaçu cantiguinha Sumaré 3 vargens além da ação de conscientização sobre a importância de preservar o meio ambiente. A necessidade de cultivar um viveiro surgiu a partir desta ação de reflorestamento que surgiu a questão de onde iria encontrar as mudas de plantas e arvores para fazer o reflorestamento onde foi escolhido um lugar para reproduzir as mudas onde foi pensado em um lugar onde tivesse agua era um lugar adequado para a construção do viveiro que foi conversado com os lideranças e a comunidade que participava da associação juntamente com o presidente que na época era o senhor Hilário Correia e com muita conversa principalmente com o pessoal da aldeia olhos d'água onde chegou a conclusão sobre melhor lugar onde foi construído o viveiro de mudas onde foi produzido várias mudas de plantas para reflorestar as nascentes e também para doação para escola e a comunidade. O viveiro contava com o apoio da prefeitura onde foi contratado uma pessoa para trabalhar no viveiro fazendo mudas e molhar e observar, porque quem está na associação não tem uma contra partida para receber recurso e está atuando em determinada função sem parceiros par a estar ajudando pois não tem o recurso disponível mas no decorrer do tempo ficou difícil por que não teve mais o apoio da prefeitura para estar contratando uma pessoa para se responsabilizar no cuidado do viveiro e fazendo as manutenções na cerca e limpeza além de fazer produzir as mudas onde foi acabando mais rápido.

Em 2020 em plena pandemia o chefe da CTL enviou o edital para a associação incentivando a inscrever no novo edital chamado edital BRA2020 que foi lançado pela FUNAI com recurso que vem do exterior, a associação se reuniu com os lideranças o pessoal da brigada para saber se eles tinham alguma demanda já eles que estava sendo um apoio muito grande no

cuidado com o viveiro de mudas e trabalha com a conscientização sobre o meio ambiente, e algumas pessoas da comunidade para saber se era interessante escrever nesse projeto, todos apoiaram e abraçaram a causa pois seria mais uma grande conquista para a associação e a comunidade. A associação teve o apoio dos parceiros da Funai e o CGAMÇ que ajudou a escrever o projeto que foi escrito da mesma forma que foi escrito em 2007, onde a intenção era ampliar o mesmo viveiro de mudas que estava parado a um tempo reformar a cerca e crescer o espaço teve a ideia de construir uma casinha para guardar ferramentas colocar um computador para escrever quais tipos mudas de plantas tem no viveiro e a quantidade. Vele destacar que o pessoal da brigada prev fogo estava sendo um parceiro muito grande para a associação e comunidade pois eu estava com uma iniciativa onde eu tinha um viveiro de mudas próximo ao da associação onde foi visto que se juntasse forças iriam trazer mais benéfico para a escrita do projeto.

O edital tinha duas etapas uma no valor de 50 mil e outra no valor de 100 mil reais onde optaram para escrever no projeto para a segunda opção que era no valor de 100 mil reais, pois a demanda que tinha aproximadamente nesse valor que era para reformar e ampliar o espaço, reformar as cercas e reflorestar 5 nascentes, optaram pelas mais próximas e também que estava com mais necessidade de cuidado devido ao valor dos materiais que estavam muito auto, as nascentes que foram colocada no projeto foi as das aldeias vargens, cantiguinha, sumare3 e duas do barreiro uma próxima a casa de Hilário Correia e a outra na sub-aldeias Pinga.

Umas das principais d dificuldades para desenvolver o projeto foi que na época estava em plena pandemia teve muita dificuldade para se reunir e deslocar para a cidade para fazer os orçamentos e compras dos matérias ,o projeto foi aprovado no mês de novembro de 2020 mas por falta de recurso porque a FUNAI não estava conseguindo teve 1 ano de atraso que foi começar a ser desenvolvido em novembro de 2021 teve um pouco de desanimo por não sabia se conseguiria o recurso pois já tinha programado muitas coisas mas não conseguia colocar em pratica, o projeto foi escrito por etapa que iria ser pago apor duas parcelas e a primeira parcela seria pago para fazer a ampliação do viveiro, mas quando liberou o recurso teve que ser feito algumas mudanças pois não teria como trabalhar na reforma do viveiro no período chuvoso e também o pessoal da brigada não estava contratado no mês de janeiro de 2022,mas teve a ideia de começar pelo reflorestamento e a ampliação da cerca deixaram para fazer a ampliação do viveiro na segunda parcela do pagamento do recurso que seria na época que a brigada prevê fogo já estaria contratada e já ajudaria.

Por um lado foi bom para começar pela ampliação do viveiro e reflorestamento das nascentes pois estava no período chuvoso e seria mais fácil para as mudas vingarem, mas veio outra dificuldade pois não tinha as mudas de plantar pois o viveiro estava parado, no planejamento estava no seguinte passo que era fazer as mudas para depois fazer o reflorestamento, mas tiveram a ideia de arrancar algumas mudas nascidas em alguns locais que tinha bastante e levar para plantar nas nascentes outra ideia foi plantar a própria semente que a comunidade tinha em casa e a brigada que tinha bastante semente que foram um sucesso e comparam as ferramentas que eram enxadas carrinho de mão facão entre outras ferramentas que foi listado no projeto e também foi pago os fretes que fora utilizado para o deslocamento para as nascentes assim concluindo a primeira etapa do projeto BRA2020.

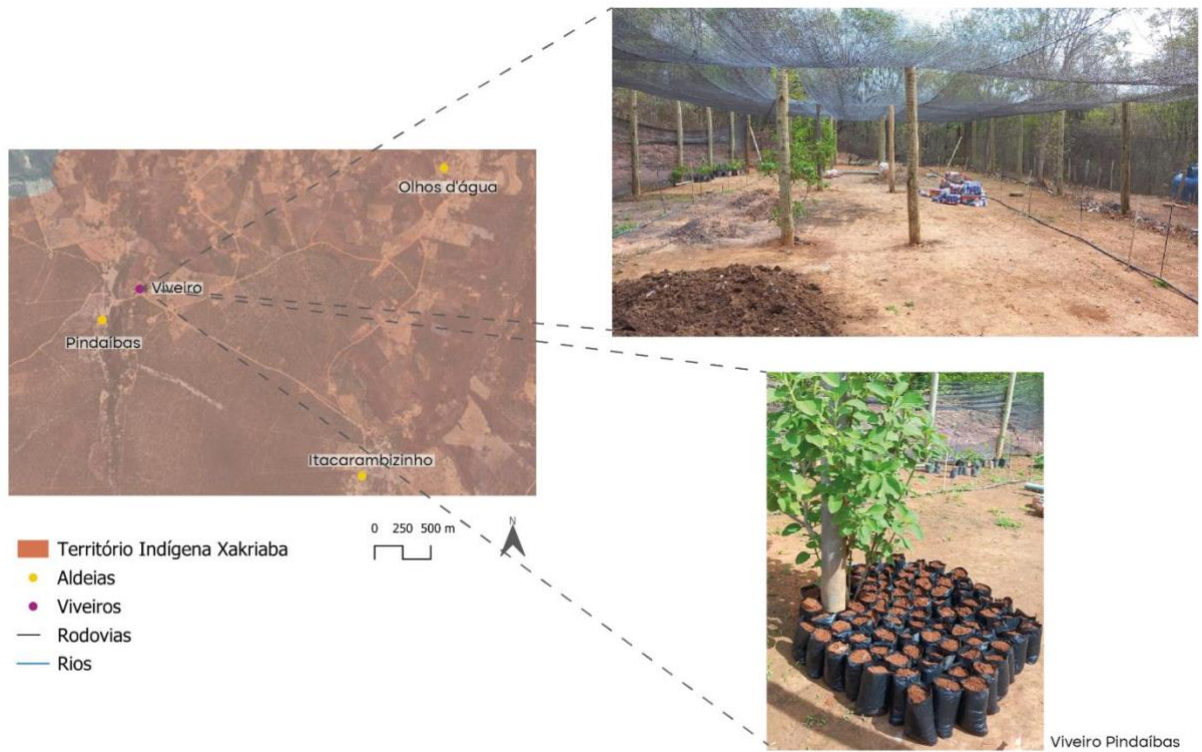
A segunda etapa foi a ampliação do viveiro onde teve mais algumas dificuldades que o recurso que colocaram para as categorias de transporte, mão de obra, foi pouco para a construção e reforma do viveiro, pois colocaram uma quantidade de aproximado para o pedreiro, mas o recurso não foi o suficiente e teve que buscar de outra fonte para fazer o pagamento. Em questão de quando fez o orçamento para mandar junto com o projeto era um valor mais baixo, e no tempo da realização do projeto os materiais de construção já tinha aumentado de preço. Também foi comprado duas placas solares para facilitar o acesso da energia e evitar gastos em pagamento de conta de luz nos dois viveiros onde as placas iria gerar energia para as bombas de água para molhar as plantas e evitar de usar a água do posto artesiano ou ter que pegar do rio.

Figura 13: Mapa viveiros Barreiro Preto - sub aldeia Olhos d'água do Pimenta



Fonte: produzido pelo autor em parceria com os bolsistas do grupo de extensão Morar Indígena.

Figura 14: Mapa viveiro Pindaibas



Fonte: produzido pelo autor em parceria com os bolsistas do grupo de extensão Morar Indígena.

As pessoas envolvidas no trabalho do viveiro são alguns sócios e as pessoas da comunidade mais próxima, como mulheres e crianças juntamente com a escola sendo professores e alunos, os professores de educação integral contribuiu bastante pois foi pensado em plantar hortas além das mudas de plantas para benefício da escola, é feito o convite para todas as pessoas e comunidades participarem do plantio das mudas de plantas, deixando claro que é um trabalho voluntario pois não tem um recurso para pagar todas as pessoas que ajudam na produção de mudas, os recurso que consegue traves do projeto é destinado para a compra de materiais e pagamento de pedreiro, carpinteiro e servente e também alimentação que foi colocado no projeto.

As parcerias para a implantação do viveiro que tiveram foi a FUNAI que lançou o edital, a Prefeitura, a associação do riacho dos buritis que se reuniram para ajudar na escrita das duas propostas para ambas as associações que seria a ampliação do viveiro de mudas, a brigada que foi um dos parceiros mais fortes pois sempre esteve diariamente ajudando a pensar construir o projeto e executar tanto na ampliação do viveiro da associação quanto no viveiro da brigada que foi idealizado por eles.

As oficinas que tiveram foram para ir para o campo fazer a coleta das sementes e também no mapeamento da qual sementes e no mapeamento de quais plantas iriam plantar. É feito o trabalho de educação juntamente com a escola e a comunidade indígena sendo palestras sobre a importância da preservação das nascentes e sobre a plantação de mudas no viveiro, e através da internet desenvolvendo trabalho sobre a conscientização e proteção das nascentes.

As espécies vegetais que são cultivadas nos viveiros são plantas que tem mais próxima as nascentes, plantas nativas e frutíferas. Estão querendo plantar diversidade de plantas frutíferas como goiaba caju laranja manga entre outras, pois além de servir como alimento também atrai os pássaros que a maioria já estão em extinção, além das próprias arvores nativas que são consideradas matas e gerais. Uma das arvores que estão sendo muito cobradas para utilizar em artesanatos que hoje está ficando difícil encontrar no território como por exemplo o Itapicuru, a umburana, que é utilizada para fazer gamela cachimbo colher de pau entre outros, as coletas das sementes e feito no próprio território indígena ou também em encontro da oficina de troca de sementes que é feito de modo que tira um pouco pra plantar no viveiro e um pouco pra levar pra casa, o pessoal da brigada onde passa se achar alguma semente colhe para estar levando para o viveiro. A irrigação antes era feita com regador muitas vezes usava a argua da rede do poço artesiano, hoje está com o intuito de puxar a agua com bomba através da placa solar que já está instalada e caixa já instalada no auto para estar levando a agua por gravidade

e colocar duas redes com pivô para a facilitar o cultivo já que não tem uma pessoa fixa para cuidar dos viveiros.

As ações de sucesso através da plantação de mudas é principalmente as plantas frutíferas que é bastante procurada pela comunidade e também sobre o reflorestamento de algumas áreas de nascentes e áreas devastada como por exemplo na aldeia Peruaçu onde ocorreu a queimada dos buritizeiros que hoje dá para notar uma grande diferença. As principais dificuldades no viveiro perto da casa do senhor Joventino é que precisa construir e um giral para colocar as mudas em cima pois no tempo chuvoso a enchente passa dentro do viveiro e acaba levando as mudas se estiver no chão, e também a falta de uma pessoa contratada responsável para o cuidado e manutenção dos viveiros pois acaba prejudicando na produção de mudas.

7. MINE VIVEIROS OU MINE HORTOS

Muitas pessoas no território indígena XaKriabá tem o quintal com várias plantas como pês de frutas, plantas medicinais e também plantas para enfeite das casas, onde sempre acontece a troca de mudas uma prática sustentável e benéfica para o meio ambiente que consiste em compartilhar plantas, galhos ou sementes, entre amigos, vizinhos e até mesmo desconhecidos, promovendo a diversidade vegetal e o cultivo de diferentes espécies. Essa troca de mudas é um gesto simples, mas com grandes impactos positivos, ao compartilhar plantas, estamos contribuindo para aumentar a oferta de vegetação nos quintais das casas, e também para não perdemos as mudas em caso da planta adoecer, estimulando a biodiversidade e proporcionando benefícios ambientais como a melhoria da qualidade do ar, além do enfeite que proporcionam as variedades de espécies possibilita a criação de jardins diversificados, com diferentes formas, cores e propriedades nas casas. Na hora da troca de mudas identificamos as espécies, deixando claro o nome da planta para quem irá recebê-la, trocando informações sobre o cuidado e manutenção das mudas, para que ela seja bem cuidada em seu novo lar. A troca de mudas vai além do simples ato de oferecer ou receber uma planta, é uma prática que promove a conexão entre pessoas, estimula o contato com a natureza e fortalece laços de amizade e vizinhança, uma maneira simples e eficaz de contribuir com a preservação ambiental e com a beleza de nossas casas, fazendo com que tenhamos um mine viveiros em nossos próprios quintais.

Na maioria dos quintais das casas hortas onde a maioria das pessoas da comunidade plantam canteiros de cebola alho, beterraba, cenoura, alface, coentro entre outros que serve para o consumo diariamente e comércio.

Figura 15: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água



Figura 16: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água



Figura 17: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água



Figura 18 e 19: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água



Figura 20: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água



Figura 21: mine viveiros em quintais da casa de Naiara Santiago, na aldeia olhos d'água



Fonte: Naiara Santiago

As pessoas cultivam os mine viveiros ou mine hortos em casa por diversos motivos, sendo por causa da beleza e do ambiente agradável que elas proporcionam embelezando o espaço e adicionando um toque de cor e vida ao ambiente. Para algumas pessoas, cuidar de plantas pode ser uma forma de relaxamento e uma terapia que ajuda a reduzir o estresse e a ansiedade. As plantas são conhecidas por purificar o ar, e liberar oxigênio. Ter plantas em casa pode ajudar a melhorar a qualidade do ar interno e criar um ambiente mais saudável.

As pessoas cultivam esses mine viveiro para fazer chás e remédios sendo as plantas medicinais, e alimentos para o consumo como por exemplo frutas frescas e mais saudáveis, e hortaliças, ervas permitindo que as pessoas colham seus próprios alimentos.

Figura 22: mine viveiros em quintal da casa de Lurdes aldeia Caatinguinha



Figura 23: mine viveiros em quintal da casa de Lurdes aldeia Caatinginha



Figura 24: mine viveiros em quintal da casa de Lurdes aldeia Caatinginha



Fonte: Acervo Pessoal

Os mine viveiros das casas geralmente são cuidadas por homens e mulheres, mas efetivamente pelas mulheres pois elas desempenham um papel importante no cuidado das plantas nos quintais. Muitas mulheres têm habilidades e conhecimentos tradicionais sobre o cultivo de plantas e podem ser responsáveis por plantar, regar, colher e cozinhar com os produtos do quintal. Além disso, o cultivo de plantas nos quintais pode ser uma forma de sustento familiar para algumas mulheres, permitindo que elas cultivem alimentos frescos e economizem dinheiro. Portanto, não se pode generalizar a relação das mulheres com os quintais de plantas, pois existem diversas experiências e realidades diferentes.

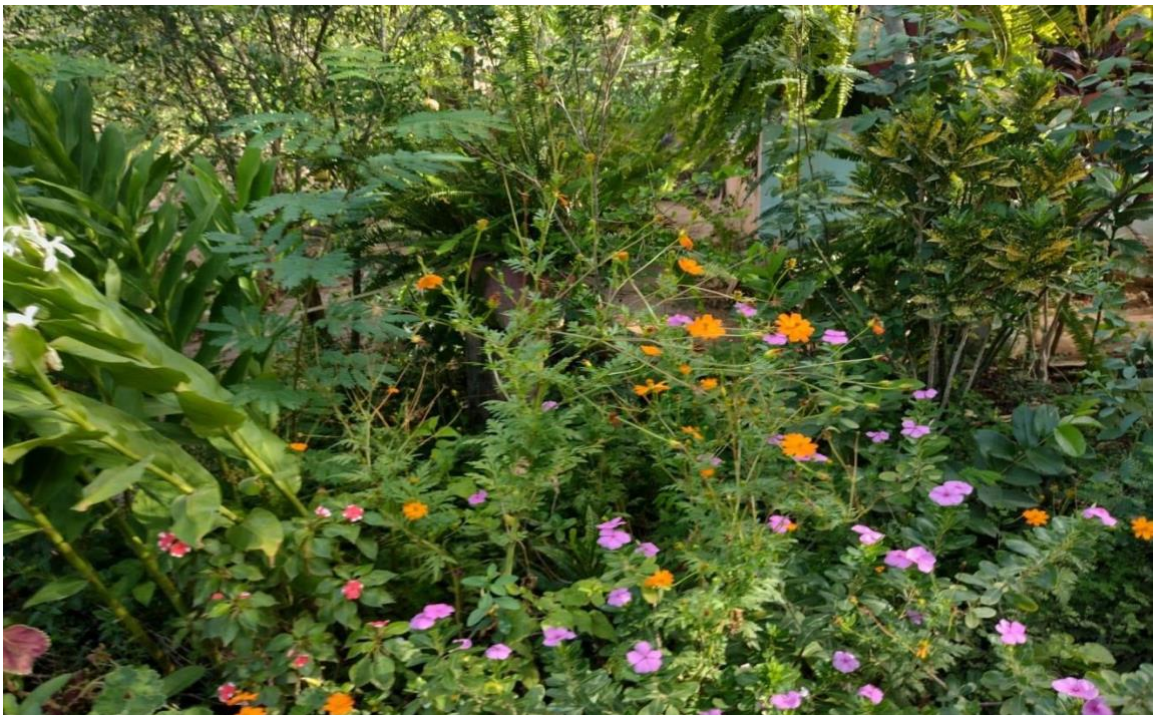
Figura 25: mine viveiros em quintal da casa de Dona Zelina aldeia veredinha



Figura 26: mine viveiros em quintal da casa de Dona Zelina aldeia veredinha



Figura 27: mine viveiros em quintal da casa de Dona Zelina aldeia veredinha



Fonte: Acervo Pessoal

A relação dos mine hortos com os viveiros de mudas pode ser bastante complementar. Os viveiros de mudas são locais especializados na produção distribuição de mudas de plantas, que podem ser utilizadas para diferentes fins, como reflorestamento, jardinagem ou agricultura.

Os mine hortos podem se beneficiar dos viveiros de mudas de várias maneiras. Por exemplo, os donos de quintais podem adquirir mudas de plantas desejadas nos viveiros para diversificar sua coleção de plantas e enriquecer seu quintal. Por outro lado, quintais de plantas bem cuidados também podem servir como fonte de sementes ou mudas para viveiros. Se os proprietários dos quintais tiverem plantas saudáveis e bem adaptadas ao ambiente, eles podem doar ou fazer a troca dessas plantas através de sementes ou mudas, com os viveiros comunitários, contribuindo assim para a diversidade e disponibilidade de mudas.

8. CAMINHADA DA CASA DO FORNO ATÉ O VIVEIRO DE MUDAS

No dia 06 de julho de 23 numa sexta-feira à tarde fizemos uma caminhada da casa do forno da aldeia barreiro preto até os viveiros de mudas passamos na casa de tia Rosa onde tivemos uma conversa sobre o cuidado com o quintal sobre os mine -viveiros ou mine- hortos onde ela relatou que sempre faz algumas mudas de plantas para depois replantar falou também sobre o cuidado que tem com o quintal e que a família toda ajuda a cuidar do quintal notei que tem muitas plantas frutíferas e algumas para enfeite ela nos mostrou a horta plantada

Durante a caminhada observamos vários quintais das casas onde passamos para o trajeto da caminhada até os viveiros de mudas da aldeia barreiro preto sub- aldeia olhos d'água e discutindo sobre como as pessoas cuidam dos seus quintais.

Figura 28: fotos caminhada e quintais



Figura 29: fotos caminhada e quintais



Figura 30 e 31: fotos caminhada e quintais



Figura 32: fotos caminhada e quintais



Fonte: Mateus Ferraz

9. PLANTAÇÃO DE BURITIS

Figura 33: Plantio de buritis no viveiro construído pelos brigadistas



Fonte: Celso Leite

A ideia de plantar sementes de buriti surgiu a partir do momento que teve um incêndio na aldeia Peruaçu que desmatou muito e queimou bastante pés de Buritis, perceberam-se que a perda foi grande pelo fato dos moradores ter sentido muito a falta dos buritis nos artesanatos e nos frutos.

Os brigadistas tentaram plantar as sementes normalmente igual a planta outros tipos de mudas, plantando nos saquinho e não deu certo tentaram plantar novamente de acordo com um novo plano elaborado para ver se dava certo, que seria é abrir o buraco no chão que seria uma cova de meio metro de fundura pra 1 metro e pouco de largura para fazer o teste forraram uma lona no chão colocando a terra que trouxeram lá do pantame aonde existe os pés Buritis colocaram a semente normal natural dentro das covas e molharam, o fato de usar a lona é para ficar bem molhado porque ele vive em terra de pantame onde é alagado, esse novo teste deu certo conseguiram plantar as sementes de buritis, onde, nem todas geminaram mas, nasceu aproximadamente uns 40% do que plantou e através dessa ideia estão conseguindo reflorestar algumas áreas de pantame.

9.1. Queimada dos buritizeiros

A área dos Buritis antes do incêndio era muito bonito Coisa Mais Linda de se ver tudo verde é a vegetação bem fechada, para a gente entrar lá dava trabalho só mesmo pessoas que eram morador de lá mesmo que conseguia entrar que já tinham o as táticas de entrar era muito rico em matérias-primas para fazer artesanato peixes no Rio na verdade além de do Buriti ser uma árvore uma árvore natural do Rio Peruaçu ela segurava a umidade da água e hoje em dia quando chove o Rio enche fica cheio mas não segura água, dentro de poucos meses já estar seco de novo

Os Buritis era utilizados tinha várias utilidades a paia do Buriti era utilizada para fazer cobertura de casas inclusive de palhoças e até algum tempo atrás tinha moradores da aldeia na comunidade que as casas era coberta com o paia Buriti hoje não é mais possível porque ficou pouco, os tipos de artesanato que era feito com os Buriti é esteira chapéu que é feito com o olho do Buriti cestas, redes, tapetes que é um acessório que usa para espremer enxugar a massa da mandioca é além do fruto que a utilizava para alimentar como a geleia e doce de buriti.

Quando aconteceu o incêndio mais forte que destruiu os pés de buritis em massa foi no ano de 2017,mas na verdade já tinha acontecido um outro incêndio antes só que não tinha destruído tanto como esse que aconteceu em 2017 o mais forte que acabou mesmo com tudo, a causa do incêndio eram pessoas que faziam plantação na beira do Rio que utilizava o terreno mais úmido para plantar feijão, mandioca horta, por falta de orientação e conhecimento maior, colocaram fogo de forma inadequada e o fogo passou para o Brejo queimou tudo.

Depois do incêndio ficou muito difícil pois para algumas pessoas não tem mais a matéria de fazer o artesanato que é uma forma de sobrevivência. As medidas que estão sendo tomadas para recuperação foram o projeto de cerceamento que cercou uma grande parte da terra dos buritis, mas não deu para cercar toda a Vereda de buritis do Peruaçu está cercado já está com bastante a vegetação bem avançada. Renilson relata que acredita que se cercasse todo o restante da vereda de buritis conseguiria recuperar toda a vegetação não seria uma coisa rápida não seria do dia para a noite, mas pelo menos a vegetação ia crescer mais rápido e segurar a água no Rio. O cerceamento foi feito com a finalidade de não deixar os animais entrar dentro do leito do rio e pisotear compactando a terra para não atrapalhar o crescimento da nova vegetação.

10. CONVERSA COM ODAIR FERNANDES

Na conversa com Odair Fernandes ele relata que é um Construtor, porque quando fala que é pedreiro as pessoas pensam que ele levanta apenas parede, faz piso e Rebocos, porque o construtor tem que fazer de tudo sendo um bom pedreiro um bom carteiro, levanta as alvenarias, faz o telhado, entre outras coisas. O vice-presidente da associação o procurou para fazer a reforma nos dois viveiros de mudas que era em formato de um giral era reto, eles olharam e teve a ideia de fazer o telhado com a queda de duas águas, com uma pra cobrir com sombrite, não precisava ser uma estrutura pesada, então compraram umas madeiras de eucalipto, Odair fez o orçamento e desenho do modelo que iria ser feito o telhado com inclinação para não segurar folhas por cima para evitar que rasgasse por causa do peso das folhas e galhos no sombrite.

Então foi pensado em uma estrutura que mede 18 por 9 de largura fez o orçamento certo das madeiras de eucalipto que foi pedido de 10 a 12, mas acabou que veio muito fina, veio aproximadamente de 6 a 8 parecia umas varas, então veio o medo das madeiras não aguentarem o peso do construtor, pois precisaria andar em cima da construção. Mas a estrutura é travada com arame liso colocando dois caibros com inclinação aproximadamente de 45% de queda e os Morão trava um no outro com arame liso para não abrir. Odair trabalhou lá em cima da estrutura colocando duas tabuas em cima e aguentou o peso dele, trazendo muita alegria para o responsável pelo projeto.

As casinhas de guardar ferramenta que também foi colocado no projeto foi exigido que fosse feito de laje para ficar uma estrutura segura e guardar ferramentas, computador entre outras coisas. Mas o dinheiro não deu para terminar ainda está sem acabamento e sem porta por falta de recurso. Na casinha de ferramentas como era de Laje foi usada ferragem armada de três oitavos (ferro de milímetro) estribo de 2.0 para 3.0 o pilar ficou de 12 por 15 na ferragem e cheio de concreto ficou 20 por 15, a parede com os Blocos em pé de 9 por 19, e os pilares teve que ser aberto para fora, porque é o recomendado para casa de laje com o pilar de no mínimo 14 por 20, porque o bloco de 9 por 19 é para fechar buraco e não poderia receber peso, que é distribuído pela cinta e a ferragem dos pilares são 6 Ferro três oitavo em pé com os estribos a distância de um no outro é de 12 cm a cinta também, são 6 ferro, e largura dela acabada está com 30 e a ferragem com 25 de distância de um no outro. o traço da massa que foi levantado das paredes foi de 3 por 1 o piso foi 2 por 1 A Laje foi 1,5 por 1, Os concreto do Pilar e da cinta também foi 1,5 por 1, Na Laje tem esteira de ferro, tem os trilhos, as lajotas para tampar, que é o foro da Laje usou o isopor, foi feito de esteira de ferro com quase $\frac{1}{4}$ Com a malha trançada de 40 por 50 do viveiro da associação toda pontilhada, travada na cinta que Ela ficava com 2 ferros de 3 oitavo esperando a esteira da Laje para esticar,

em cima veio um concreto para esticar que é 1,5 por 1 com o escoramento embaixo da Laje sustentação com a escora de 1 metro de distância de uma para a outra as duas casinhas dos viveiros foi seguindo o mesmo traço .

Senhor Odair fala que escolheu um espaço juntamente com Manoel Antônio e foram discutindo sobre o tamanho e o local adequado para a construção te chegar na conclusão de tamanho e medidas, ele relata que não recorda as medidas que foi feito nas casinhas de ferramentas, mas foi aproximadamente parece que é 5 por 4 desse primeiro viveiro da associação e o outro viveiro dos brigadistas foi um pouco maior de 7 por 4,5, as medidas de uma casinha para outra tem diferença.

As pessoas estão envolvidas na construção era o senhor Odair Fernandes como responsável pela mão de obra ou profissional dois auxiliares jovens e o pessoal da brigada (prev fogo) que ajudava até meio-dia, Estava Um esquadrão por dia ajudando no que cada um tinha mais facilidade em fazer, outras vezes o profissional da obra ia ensinando como fazer algum tipo de serviço para facilitar e render mais o serviço enquanto ele ia fazendo uma coisa os outros ia fazendo outro de forma que o serviço fosse feito tudo de uma vez.

Odair relata que na construção pode se dizer que não deu nada errado, mas teve a questão do dinheiro que não deu para pagar todas as diárias trabalhadas, mas ele trabalhou até usar os materiais que já estava comprado para não deixar materiais perderem como por exemplo não deixar os cimentos perderem por falta de verbas não conseguiu terminar o acabamento das casinhas de ferramentas. Ele relata que não teve muito desafio na construção das casinhas e reforma dos viveiros e que foi muito bom trabalhar com esses serviços prestado para a realização do projeto criado pela a associação AIXABP, e que foi uma experiência muito rica, e que gostou muito de construir a estrutura do viveiro de mudas sendo a primeira vez fazendo esse tipo de estrutura para a colocação , mas que em alguns momentos teve medo das madeiras quebrarem pois quando estava em cima da estrutura elas começavam a envergarem um pouquinho para cima, por que as madeiras eram muito finas.

O pessoal admira muito a esturra do viveiro de mudas pela bitola da madeira, ficar em pé sem pilar de sustentação, e quem entende de construção vê que segurança está na amarração do arame liso, que ocupa o lugar de cabo de aço e como a estrutura não tem peso fica muito seguro.

Figura 34: Odair Fernandes Pimenta



Fonte: Odair Fernandes Pimenta

Figura 35: Manoel Antônio



Fonte: Manoel Antônio